

# Funaro nega mais centralização

28 MAR 1987

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O ministro Dílson Funaro negou ontem que esteja pensando em extinguir a diretoria da Dívida Externa do Banco Central, para fortalecer a posição do Ministério da Fazenda no processo de renegociação com os credores internacionais. No entanto, alguns de seus auxiliares defendem a extinção.

A tese da centralização do processo de renegociação do Ministério da Fazenda ganhou força depois do fechamento do acordo com o Clube de Paris e a decretação da moratória. Em janeiro, o diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antonio de Pádua Seixas, e o coordenador da

Área Internacional do Ministério da Fazenda, embaixador Álvaro de Alencar, conseguiram um bom acordo com os países membros do Clube.

No Ministério da Fazenda creditava-se esse sucesso, basicamente, à atuação de Alencar, depois de um período "apagado" em sua função. O embaixador é o único assessor de primeiro nível de Funaro remanescente da equipe do ex-ministro Francisco Dornelles. Por isso, passou mais de um ano cumprindo tecnicamente suas funções. Mas com o acordo de Paris, ganhou prestígio e, principalmente, a confiança de Funaro.

No processo de formulação da moratória, o assessor especial para a Área Externa de Funaro, Paulo Nogueira Batista Júnior, teve uma par-

ticipação destacada, conquistando também prestígio junto ao ministro da Fazenda.

Como a equipe de Funaro, então, mostrou eficiência e resultados, a centralização do processo de renegociação da dívida seria algo natural e racional, sustentam alguns auxiliares de Funaro. Com a extinção, Funaro passaria a ter menos gente de confiança formulando e implementando a renegociação da dívida.

A diretoria da Dívida Externa do Banco Central foi criada em 1985, logo após a posse do ex-presidente Fernão Bracher. Naquela época, justificou-se a nova diretoria em função do crescimento da importância política da dívida externa brasileira.